

JUVENTUDE E SEGREGAÇÃO ESPACIAL NA PALESTINA SOB COLONIZAÇÃO

Youth and Spatial Segregation in Palestine Under Colonization

Yasser Jamil Fayad

Universidade Federal da Fronteira Sul

Willian Simões

Universidade Federal da Fronteira Sul

RESUMO

O artigo analisa interfaces entre juventude e segregação espacial na Palestina atual, características da espacialidade colonial-tardia-judaico-sionista. A metodologia incluiu entrevistas semiestruturadas com lideranças estudantis de três universidades palestinas, análise de documentos selecionados da OLP e aportes teóricos anticolonialistas e descoloniais. Entre os achados marcantes deste estudo, encontramos: hiperfragmentação territorial, marcado pela produção de segmentos e compartimentos de populações originárias; processos de desterritorializações e reterritorializações precárias; coerção violenta com o objetivo de dominação e hiperatomização do povo palestino.

Palavras-chaves: Juventude e Questão Palestina; Geografia e Giro Descolonial; Geografia da Juventude.

ABSTRACT

This article analyzes the interfaces between youth and spatial segregation in contemporary Palestine, characteristics of the late colonial jewish-zionist spatiality. The methodology included semi-structured interviews with student leaders from three Palestinian universities, analysis of selected PLO documents, and anti-colonialist and decolonial theoretical contributions. Among the striking findings of this study, we find: territorial hyperfragmentation, marked by the production of segments and compartments of original populations; processes of precarious deterritorialization and reterritorialization; violent coercion with the objective of domination and hyperatomization of the Palestinian people.

Keywords: Youth and the Palestinian Question; Geography and Decolonial Turn; Geography of Youth.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar impactos do processo de colonização-tardia-judaico-sionista produtora de segregação espacial do território palestino sobre a juventude, em especial, jovens que estão envolvidos nas lutas pela libertação deste território. O texto corresponde a um recorte de nossa pesquisa produzida no âmbito do Mestrado em Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul, defendida em 2024. Para tanto, fizemos uso da percepção de jovens militantes acerca do atual cenário da Questão Palestina apreendidas por meio de entrevistas semiestruturadas, assim como da análise de documentos selecionados da Organização de Libertação da Palestina (OLP), somados a um referencial teórico sobre a história palestina e acerca dos conceitos de segregação espacial, colonialismo e movimentos de resistência anticoloniais.

O caminho trilhado metodologicamente em nossa trajetória investigativa partiu de uma opção ética-política-científica pelo olhar atento à perspectiva do colonizado, da vítima, do oprimido e explorado, ou seja, dos condenados da terra (Fanon, 2005). Entre as implicações dessa posição destacamos nosso compromisso com a produção de um conhecimento que é, ao mesmo tempo, crítico daqueles que se apresentam como neutros, assim como também tensiona a busca permanente pela superação da condição de colonização em favor dos povos originários.

Em relação ao nosso referencial teórico, partimos do princípio de que são os palestinos a força primordial anticolonial e de libertação nacional de seus territórios. Sendo assim, são estes as primeiras fontes teóricas e empíricas de reflexão e avaliação acerca de sua própria práxis ante ao colonizador, servindo-nos como referenciais essenciais para compreender o atual cenário geopolítico na região. Consideramos esta premissa uma forma de contribuir com um movimento descolonial em estudos geográficos.

Para tanto, fizemos uso de intelectuais de origem árabe, em especial de origem palestina, tais como: Ahmad Jaradat, Nur Masalha, Rashid Khalidi, Bassam Abu Sharif. Somando-se a este referencial, buscamos subsídios em intelectuais anticolonialistas e antirracistas como Franz Fanon, além de marxistas como Samir Amin e Domenico Losurdo, com foco anticolonialista. Estes referenciais são essenciais para situar nossa análise acerca da Questão Palestina (parte) dentro do sistema sócio metabólico do capitalismo (totalidade concreta).

A pesquisa realizada é qualitativa, em um estudo de caso, focado em jovens militantes que atuam no movimento estudantil palestino. Compreendemos que esse perfil nos situou na intersecção entre juventude e política em contexto atual da Questão Palestina, sobretudo a partir da militância destes jovens em três importantes instituições de ensino superior, a saber: Al Quds Open University (sediada na Faixa de Ghaza), Birzeit University (sediada na Cisjordânia) e Islamic University of Ghaza (sediada na Faixa de Ghaza). A escolha destas instituições deve-se às suas relações históricas com movimento de resistência e libertação da Palestina em escala internacional.

O procedimento adotado para contribuir na aproximação e diálogo com jovens militantes palestinos, deu-se por meio da metodologia conhecida como "bola de neve". Isto é, partindo de nossos contatos informais no Brasil com lideranças palestinas e o Instituto Brasil Palestina (IBRASPAL¹), conseguimos contatos com professores dessas instituições e, por conseguinte, com lideranças jovens ligadas ao movimento estudantil palestino. Da mesma forma, conseguimos o contato com um jovem refugiado no Brasil, que integrou o movimento estudantil enquanto vivia na Palestina. Todos os entrevistados receberam e assinaram o Termo de Consentimento aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa².

A entrevista semiestruturada foi composta por 12 questões que englobavam desde uma visão geral do movimento de libertação até questões específicas da juventude no movimento. As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a dezembro de 2020. Totalizamos a realização de cinco entrevistas, sendo uma da Al Quds Open University, duas de jovens estudantes em Birzeit University, uma da Islamic University of Ghaza e um jovem palestino refugiado no Brasil. As entrevistas foram feitas de forma virtual (devido aos impactos da pandemia de COVID-19) com gravação de vídeo e áudio pela plataforma Stremyard®, com auxílio de um tradutor do árabe para o português, tendo o tempo de duração aproximado entre 40 minutos a uma hora e 30 minutos.

Identificamos os entrevistados com nomes de cidades palestinas (Ghaza³, al Quds⁴, Tulkarm, Yaffa e Akka⁵), permitindo que o leitor reconheça o entrevistado ao longo do texto, ao mesmo tempo protegendo sua identidade como parte da boa ética em pesquisa científica. Um aspecto importante a ser salientado no nosso estudo é o lugar de fala, sobretudo no sentido geográfico, pois são vozes escalarmente amplificadoras daqueles que estão no centro da luta política para além de suas individualidades.

Os entrevistados são lideranças estudantis, ou seja, respondem também como vozes coletivas ligadas a organizações políticas como a Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP)⁶, o Movimento de Libertação Nacional da Palestina (FATAH)⁷, o HAMAS⁸ e organizações

¹ Para conhecer melhor o IBRASPAL, acesse: <https://ibraspal.org/>

² CAAE: 52722521.4.0000.5564/ Número do Parecer de aprovação no CEP/UFS: 5.155.358 /Data de Aprovação: 9/12/2021.

³ Nome árabe da cidade palestina de Gaza: غزة

⁴ Nome árabe da cidade palestina de Jerusalém: القدس

⁵ Nome árabe da cidade palestina de Acre: عكا

⁶ Frente Popular de Libertação da Palestina: partido da esquerda palestina, fundado em 1967, de orientação marxista-leninista e integrante da OLP. Em árabe: فلسطيني لتحرير الشعب الجبهة

⁷ Movimento de Libertação Nacional da Palestina: partido nacionalista palestino, fundado em 1959 e majoritário na OLP. Em árabe: الفلسطيني الوطني التحرير حركة / فتح

⁸ Partido político de caráter nacionalista islâmico, fundado em 1987. HAMAS é um acrônimo de "Harakat al Muqāwamat al Islāmiyyah" que traduzido literalmente significa "Movimento de Resistência Islâmica". Em árabe: حماس - الإسلامية المقاومة حركة

menores. Não é à toa que durante todas as entrevistas foram comuns expressões que denotam estas vozes, tais como: “o nosso partido pensa assim”, “nós do HAMAS”, “nós da juventude do FATAH”, “nós da esquerda”, “o nosso grupo” etc.

Soma-se às entrevistas, levantamento, seleção e análise de resoluções e posicionamentos da OLP, principal organização do movimento de libertação nacional (Buzetto, 2015), com centralidade à direção política para o conjunto da juventude. Para esta análise documental, decidimos por um corte temporal definido: dos acordos de Oslo I (1993) a 2023, pois nosso objetivo foi captar a fase histórica marcada fundamentalmente pela tática hegemônica nas negociações com Israel, tendo os Estados Unidos da América como mediadores (Abu Sharif, 2009). Distintamente da fase anterior, cujo foco principal estava primordialmente na luta armada (Khalidi, 2006; Abu Sharif, 2009).

Os documentos supramencionados foram obtidos por meio do sítio eletrônico da organização em árabe (<http://www.plo.ps/>), dado que todas as suas resoluções públicas de 1993 até a atualidade estão disponíveis somente nesse idioma. Todos esses documentos eram do Conselho Nacional Palestino (instância máxima da OLP) ou do Conselho Central Palestino (2ª instância mais importante desta mesma organização). Nossa seleção excluiu documentos que não tratam da questão política geral da organização e nem especificamente da juventude.

Optamos pela análise textual discursiva (Moares e Galiuzzi, 2016) sobre a produção de informações, oriunda da pesquisa de campo, dando origem basicamente a dois corpos distintos, a saber:

- 1º) Documentos selecionados da OLP que orientam a relação entre juventude e movimento socioterritorial de resistência e libertação no período supramencionado;
- 2º) 5 entrevistas semiestruturadas.

A escolha desse aporte teórico-metodológico para análise de dados deve-se, principalmente, ao trânsito de mão dupla entre dedutivo-indutivo juntamente com o aporte teórico já mencionado anteriormente e que nos dão um conjunto robusto de referenciais para a produção da análise.

Nas seções que seguem, veremos que a juventude palestina com quem dialogamos vivencia um contexto marcado por intensos conflitos territoriais, sustentados por uma perspectiva violenta de colonização produtora de segregação espacial, fragmentação, segmentação e hiperatomização territorial. Partimos da compreensão de que a Questão Palestina adentra o século XXI e traduz um processo de luta, resistência e libertação por parte de seu povo originário em oposição a uma colonização exógena judaico-sionista, fundamentalmente oriunda da Europa (Masalha, 2023).

Nosso entendimento é que a disputa por este território milenar deve ser analisada à luz de uma perspectiva crítica do nosso espaço-tempo, em diferentes escalas e a partir de diferentes vozes. A juventude pode ser vista como sendo um sujeito estratégico para compreender os processos de (des)continuidades da vida no território.

SOBRE JUVENTUDE MILITANTE E QUESTÃO PALESTINA: ELEMENTOS CONTEXTUAIS

Podemos afirmar que a colonização da Palestina está atrelada à dinâmica do imperialismo e do neocolonialismo dos séculos XIX e XX que são, em síntese, fenômenos da dinâmica do ocidente político (em especial, europeu) em uma nova onda de expansão e acumulação do capitalismo central, em busca e controle de territórios, matérias-primas, mão de obra barata e mercado consumidor (exportação de capitais) (Losurdo, 2020). Nesta longa evolução temporal, tendo como referência mais de 100 anos da declaração Balfour e mais de 75 anos da *Nakba*⁹, a grande catástrofe planejada contra o povo palestino (Misleh, 2017; Masalha, 2021). O movimento de libertação nacional palestino vivenciou várias etapas e obstáculos distintos (Khalidi, 2006). Dada as suas relações neocoloniais, palestinos não enfrentaram e/ou enfrentam somente os judeus-sionistas-colonizadores, mas fundamentalmente os impérios que se sucederam na defesa desse projeto colonizador (Khalidi, 2020).

Desta forma, pode-se dizer que o Império britânico teve um papel fundamental na consolidação colonial, visto que o território palestino foi um dos espólios da Primeira Guerra Mundial ante ao desmembramento do Império turco-otomano (Tenório, 2019; Khalidi, 2020). Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América assumiram cada vez mais a promoção e sustentação do Estado colonial de Israel sobre o território milenar da Palestina (Khalidi, 2020).

Conforme observamos em Khalidi (2009), o papel geopolítico de controle, exploração e domínio das rotas comerciais e fontes naturais de riqueza, em especial o petróleo e o gás natural, tem no Estado de Israel uma importante ferramenta e enclave aliado na região aos EUA. Aliás, compreendemos que, na atualidade, as reservas de gás no litoral da Faixa de Ghaza se articulam a uma possível rota ligando o Oceano Índico, Península Arábica, território palestino e a Europa, em anteposição ao gás natural russo e a nova rota da seda chinesa, traduzindo um painel mais amplo dos interesses geopolíticos internacionais.

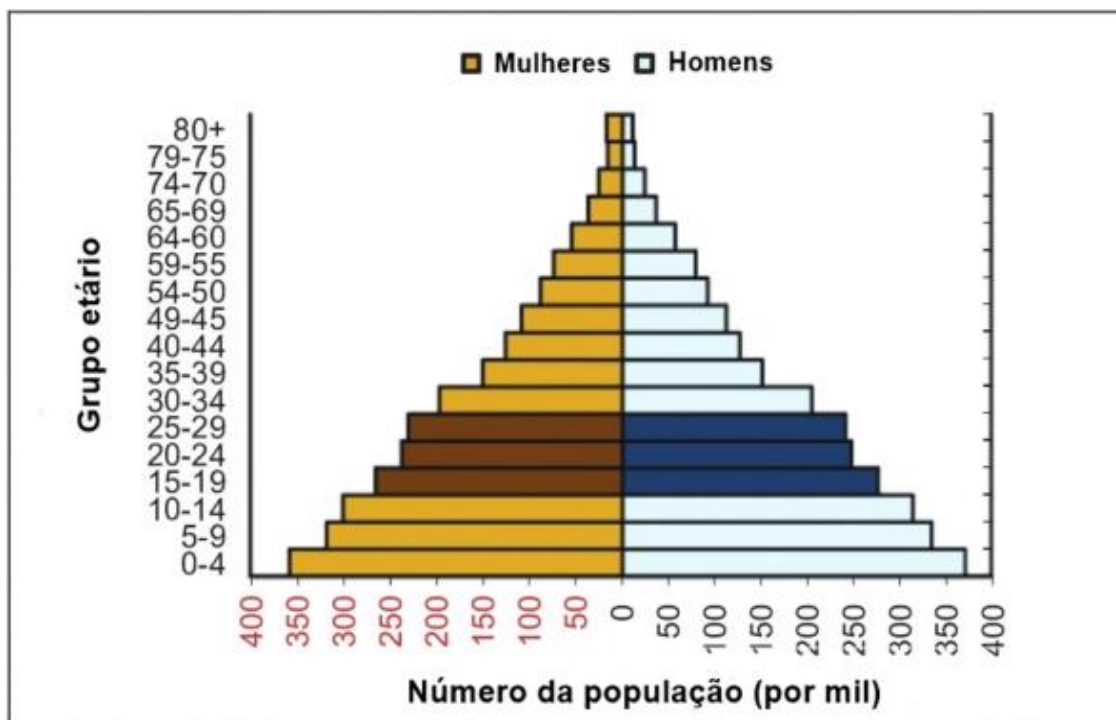
Diante deste cenário, nossa pesquisa permitiu observar que jovens palestinos possuem papel histórico na formação e renovação política das organizações de resistência e libertação, com destaque para o movimento estudantil. Tanto dentro do território histórico, quanto dos países árabes circunvizinhos na condição de refugiados. O intelectual marxista palestino Ghassan Kanafani (Fayad, 2022, p.239) já destacou que os jovens que foram seus alunos nos campos de refugiados, cerca de “70% deles” tornaram-se guerrilheiros à época (década de 60 do século passado).

Observamos ao longo da investigação que a juventude esteve fortemente presente nos movimentos conhecidos como “primaveras árabes” (Amin, 2016), de 2010 a 2014, em toda região, demonstrando sua força e

⁹ Do árabe literalmente: “catástrofe”, sendo a forma que os palestinos designam a criação de Israel e a expulsão pela força e terror de metade da população palestina, em maio de 1948. Em árabe: النكبة

papel político nas sociedades árabes. Conforme podemos observar na pirâmide etária a seguir (Figura 01), a "Palestinian society is a young society, as 38.0% of the population aged under 15 years at the end of 2020" (Central Bureau of statistics Palestinian, 2020, p.19)¹⁰. Logo, captar e analisar leituras, avaliações e percepções de jovens palestinos, com especial ênfase no movimento estudantil, estaremos contribuindo para a compreensão dos desafios, limites e rumos que se põem ao próprio movimento palestino de resistência e libertação nacional.

Figura 1 – Pirâmide Etária da População Palestina, 2021



Fonte: Palestinian Central Bureau of Statistics, 2022 - Palestine in Figures (2021, p. 14).

As análises de Khalidi (2006) nos permitem observar a importância dos jovens na construção dos movimentos de resistência do povo palestino frente ao processo que estamos denominando de neocolonização-tardia-judaico-sionista, sobretudo na formação dos grupos políticos que vão compor a OLP na década de 1960. Conforme este autor, os levantes populares, com destaque às Intifadas, são repletos de presença jovem. Kazziha (1975) e Tenório (2019) nos permitem afirmar que o movimento estudantil teve forte presença na história de luta pela libertação do território palestino, um papel relevante nas formulações, decisões e de renovação política no interior das organizações.

Pode-se dizer que lideranças políticas palestinas nasceram do movimento estudantil, a exemplo de figuras emblemáticas como Yasser Arafat e de Marwan Barghouti (Buzetto, 2015), este último conhecido como

¹⁰ Tradução livre: "A sociedade palestina é uma sociedade jovem, pois 38,0% da população tinha menos de 15 anos no final de 2020".

Mandela palestino e liderança das duas primeiras Intifadas, 1987 e 2000, fundador do movimento estudantil do FATAH e presidente do conselho estudantil da Birzeit University. Em pesquisas eleitorais é sempre o candidato preferido pelos palestinos (Palestinian Center for Policy and Survey Research, 2023).

Os jovens militantes entrevistados em nosso processo de investigação foram unânimes em expressar que o papel da juventude no movimento de resistência e libertação socioterritorial da Palestina é muito relevante. Para o entrevistado al Quds “(...) os jovens são sinceramente a medula espinhal de qualquer operação ideológica do povo palestino desde o início (...) todo protagonismo nos movimentos é composto pela juventude”. O entrevistado afirma, de forma geral que “(...) todo o fardo nacional está nos ombros da juventude palestina, por que a sociedade palestina é juvenil”. O entrevistado Ghaza seguiu com seu relato nesta mesma direção ao afirmar que “os jovens têm um papel essencial na luta, na liderança política (...) tanto na política, na economia, na cultura e nos estudos os jovens são essenciais e o alicerce da causa”.

Para o entrevistado Yaffa:

(...) o jovem palestino que foca na libertação da sua terra, não somente nas manifestações e revoluções que acontecem nas ruas, mas também ocupando palanques políticos, na Assembleia da ONU, em organizações, em ONGs, fazendo palestras em escolas, (...) esses jovens são uma força tremenda para Palestina.

Em um dos documentos consultados do Conselho Central Palestino da OLP, em que o presente conselho esteve reunido (dias 09 e 10 de setembro de 2000), observamos menção ao lugar de importância da juventude na luta pela libertação da palestina. Na declaração consta:

(...) o Conselho Central presta homenagem e reverência aos mártires e a juventude de nosso povo e de nossa nação que sacrificaram suas vidas pelo bem da Palestina, e assegura a suas almas puras que seus sacrifícios não foram e não serão em vão. O Estado Palestino independente com sua capital, al Quds al Sharif, está chegando inevitavelmente. Eles veem de longe e nós vemos de perto e somos honestos.

Os entrevistados Tulkarm e Akka chamam a atenção para diferenças nas atuações da juventude dada a hipersegmentação territorial e do “nicho” que elas se (re)produzem no território. Para o entrevistado Akka, o nível de envolvimento das juventudes na luta pela libertação:

(...) depende de qual juventude a gente está falando... A gente está falando do território de 48... Cisjordânia... Da Faixa de Ghaza... Ou da diáspora? E na diáspora a gente também... cada lugar da diáspora tem suas questões específicas... porque a gente não consegue explicar sobre a juventude palestina, porque cada juventude está vivendo uma vida diferente do outro, uma realidade diferente da outra.

Para Tulkarm, “a palestina está dividida em 3 regiões, desde 1948, em Haifa/Yaffa, a parte da Cisjordânia e a Faixa de Ghaza. Nessas

três regiões a participação dos jovens é bem diferente”. A entrevistada Akka salienta o papel do movimento estudantil diante das dificuldades opressivas da colonização israelense e dos ataques seletivos da Autoridade Palestina (AP), em suas palavras:

(...) tem uma coisa que eu respeito muito na Cisjordânia, que é o movimento estudantil, eles fazem de tudo para segurar de uma maneira democrática. Qual o movimento estudantil que vai ganhar para liderar esse ano? Tem, por exemplo, movimentos da Frente Popular de Libertação da Palestina, do FATAH, do HAMAS, Jihad islâmica... ainda acontecem essas eleições apesar de o pessoal da Autoridade Palestina atacar o pessoal da esquerda. Quando a gente vê o núcleo da juventude palestina dentro das prisões israelenses, todos são jovens vindo de universidades, em que a direção era da Frente Popular de Libertação da Palestina.

O diálogo com os jovens entrevistados nos permitiu evidenciar que há discordâncias em relação a determinadas ações promovidas pela AP e até para reconhecer a sua legitimidade. Observamos que estas divergências expõem também diferenças geracionais. Um exemplo emblemático está no relato da jovem Akka, para ela tem:

(...) os palestinos da geração anterior que ainda acreditam num caminho diferente desse da libertação, do caminho que tem o controle dos mais velhos. E dos movimentos mais velhos que falam nas soluções de dois estados que diz: “você são jovens não entende da luta, não entendem de política... vocês não sabem”. Mas na verdade somos nós que temos essa consciência do que está acontecendo hoje em dia. A primavera árabe nos ajudou a mostrar o que são os regimes árabes, quem está controlando nós... quem são os Estados Unidos... quem está apoiando os sionistas. De uma forma mais evoluída do que a geração anterior.

A própria acusação de que a juventude não teria capacidade de compreensão política é um argumento típico de conflito geracional, que pretende excluí-la de um debate politicamente salutar. Cabe salientar que muitas das lideranças da AP ou dos movimentos como a OLP ou o FATAH são de gerações passadas e alguns deles defendem a via da negociação para o estabelecimento de dois Estados Nacionais. Sobre as diferenças geracionais da juventude, o entrevistado Yaffa salienta nas suas palavras “(...) a juventude era mais impactante no tempo da primeira Intifada (...) os jovens se importavam muito com a Palestina naquela época [refere-se à época da primeira Intifada]”. O que para ele difere da parcela da juventude atual que na sua percepção “(...) se desgastou e perdeu as esperanças na ideia de uma libertação”.

Já a entrevistada Akka apresenta como um trunfo dos jovens na atualidade em relação a gerações passadas a capacidade de comunicação pelas redes sociais, pois para ela “nas redes sociais a gente está conseguindo mobilizar mais gente e se comunicar como juventude e palestinos de vários lugares diferentes, com os palestinos dentro da Palestina histórica... essa juventude eu acho que é o mais importante”.

Podemos observar que essa juventude militante entrevistada expressa uma tendência pela renovação de conhecimentos e práticas explicitadas, no nosso caso, pela capacidade de uso das novas tecnologias de comunicação de forma mais efetiva do que as gerações anteriores. Os referidos jovens enfrentam os elementos de constância e de reprodução das mesmas dinâmicas no movimento de resistência e libertação.

Assim, compreendemos que, se por um lado esses elementos são capazes de dar uma conformação organizativa do movimento em partidos e grupos políticos, por outro acaba por limitar novas experiências, conhecimentos e práticas em que a juventude que adentra ao movimento quer experimentar e construir. Essa nos parece uma questão vital para o futuro do movimento, saber incorporar novos saberes e novas práticas, uma vez que a juventude classicamente possui um papel setorial importante nessa renovação. Weller (2010), ao discutir a atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim, retoma a complexidade que marca uma mudança geracional, em particular para essa discussão: a constante irrupção de novos portadores de cultura e a saída constante dos antigos. Movimento que é, como observamos, espaço-tempo de tensionamentos.

A reivindicação por espaços, participação, autonomia e poder é uma constante na visão crítica da juventude palestina inserida na luta de resistência e libertação e encontra eco em outros estudos (Christophersen, Hoigilt e Tiltne, 2012). Isso também significa dizer que jovens podem até compreender que seu papel é mais importante e relevante do que as organizações políticas aceitam. As afirmações dos entrevistados demonstram a percepção de que as juventudes formam uma das forças motrizes mais importantes do movimento, todavia que não têm os espaços políticos como gostariam, em especial de poder, compatíveis a essa importância. Por outro lado, veremos que o atual contexto da Questão Palestina impõe uma lógica territorial perversa às juventudes, produzindo condições incompatíveis com a vida e a possibilidade de viver a juventude em sua plenitude.

SEGREGAÇÃO ESPACIAL DA VIDA JOVEM EM TERRITÓRIO PALESTINO: HIPERFRAGMENTAÇÃO, ATOMIZAÇÃO E RE-TERRITORIALIZAÇÃO PRECÁRIA

“A ocupação sionista bloqueia todos os aspectos da vida dos palestinos.”

Entrevistado Ghaza (Entrevista, 20/4/2020)

“(...) é opressão no peito do povo palestino, que é dono da terra...bloqueia o povo palestino em todas as etapas da vida. (...) pratica suas diferentes formas de preconceito e racismo. Atualmente está usando uma política de Apartheid”

Entrevistado al Quds (Entrevista, 15/02/2020)

Durante o desenvolvimento da pesquisa tivemos vários elementos oriundos dos entrevistados, dos documentos da OLP analisados e do suporte teórico complementar que nos apontam a espacialidade colonial judaico-sionista como um modelo da própria colonização tardia (Mbembe, 2018). Tanto por essa ser a última colonização europeia de povoamento

em curso, ou seja, de substituição da população originária. Quanto por sintetizar e inovar o processo colonizador diante das formas anteriores.

Observamos que essa capacidade colonizadora ainda mais violenta se deve à avaliação das ações de outras experiências similares no controle, dominação, exploração e expulsão populacional, como também pelas novas possibilidades que a tecnologia moderna gerou neste terreno. Mbembe (2018, p. 41) nos lembra que a “ocupação colonial tardia difere em muitos aspectos da primeira ocupação moderna” e conclui que “a forma mais bem-sucedida de necropolítica é a ocupação colonial contemporânea da Palestina”.

Em 1917, o território da Palestina era habitado por cerca de 6% de judeus (Mccarthy, 1990). Em 1947, dada a neocolonização e a imigração europeia judaica, esse número subiu para aproximadamente 33% (Khalidi, 2020). Esse aumento populacional oriundo da imigração foi fundamental para a criação do estado colonial e a expulsão da população originária na *Nakba* (Masalha, 2021), o que resultou na subtração de 78% do território histórico da Palestina, em 1949 (Khalidi, 2020). O restante (22% do território original) foi ocupado em uma nova expansão colonial, em 1967, originando os territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Ghaza (Tenório, 2019). Após essas duas grandes expansões territoriais, a colonização muda o seu modo operante para anexações territoriais e de a produção de colônias invasoras nos territórios ocupados (Khalidi, 2020).

Como podemos observar na Figura 02, a evolução da colonização dos territórios ocupados se deu de forma paulatina: criando colônias invasoras, estradas exclusivistas para judeus-sionistas, zonas de segurança militares israelenses, áreas de controle militar (checkpoints), etc. (Jaradat, 2021). Observamos a produção de pequenos segmentos territoriais palestinos cercados. Muito similar a um paradigma de uma megaprisão, com pequenas celas (compartimentos territoriais de colonizados) habitada por poucos prisioneiros, permitindo, assim, maior controle socioespacial.

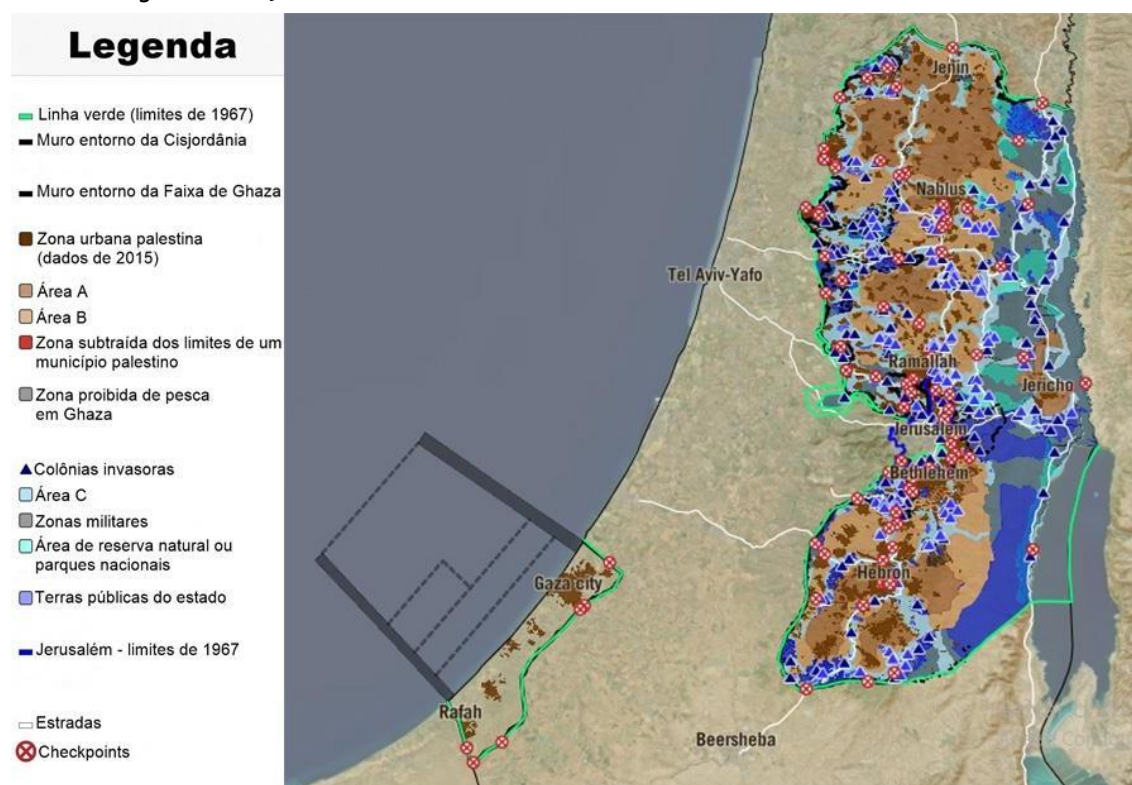
Pode-se observar na referida figura que, a Cisjordânia está dividida transversalmente em três grandes segmentos territoriais constituída por uma série de colônias invasoras e, dentro destes segmentos, existem outras fragmentações territoriais menores, dada pela expansão israelense. Para os palestinos que vivem nestes territórios ocupados, dentro de Israel (na linguagem palestina: “territórios de 1948”) como cidadãos de segunda classe e em campos de refugiados nos países árabes circunvizinhos, a característica mais marcante é o que estamos chamando de hipersegmentação/ hiperfragmentação espacial e tem como objetivos criar “compartimentos” de colonizados. Franz Fanon (2005, p. 54) já havia mencionado o “mundo compartimentado” como produção desta perspectiva de neocolonização. Conforme este autor:

[...] o mundo colonial é um mundo compartimentado. Talvez seja supérfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e de cidades europeias, de escolas para indígenas e de escolas para europeus, assim começa supérfluo lembrar o apartheid na África do Sul. Entretanto, se penetrarmos na intimidade dessa compartimentação,

teremos pelo menos o benefício de evidenciar algumas das linhas de força que ela comporta. Essa abordagem do mundo colonial do seu arranjo, da sua disposição geográfica, vai nos permitir delimitar as arestas a partir das quais se reorganizará a sociedade descolonizada.

Compreendemos que a fronteira aparece, nesse contexto, como uma barreira (HAESBAERT, 2014), como um limite e uma ruptura da continuidade do espaço (FERRARI, 2014). Podemos compreender o seu papel fundamental para o neocolonizador como forma de dominação, isto é, expressão de força e poder sobre a vida do outro, do oprimido e colonizado.

Figura 2 – Hiperfragmentação dos territórios de vida na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, 2023.



Fonte: Btselem disponível em <https://conquer-and-divide.btselem.org/map-en.html>. Acesso em 25 fev. 2023.

Esta expressão de poder se traduz em quilômetros de muros de segregação, de cercas de arames farpados, checkpoints, barreiras militares móveis, rodovias segregadas, portões em estradas de acesso a vilarejos palestinos – usados para punição coletivas – e das colônias judaica-sionistas para passagem exclusiva destes, ruas/ praças/ bairros/ cidades proibidas nas quais palestinos não podem transitar, fronteira aérea – proibição de uso do espaço aéreo, fronteira marítima – proibição do uso do mar e fronteira do subsolo – proibição do uso da água (Jaradat, 2021; Khalidi, 2020). A tônica imprimida pelo colonizador é a de “dividir para conquistar”.

O leitor pode observar a seguir, na Foto 01, uma estrada segregada de uso privilegiado de israelenses colonizadores e com imensas restrições ao uso por parte dos palestinos. Já a Foto 2 apresenta o que

vem sendo chamado de Checkpoint, situado na cidade de al Khalil, exercendo forte controle sobre a movimentação de palestinos no antigo centro histórico da cidade. Por fim, a Foto 3 nos permite observar uma colônia invasora judaico-sionista na região da Cisjordânia, estas são posicionadas em locais estratégicos militares (verticalização do espaço). Essas imagens que capturamos em viagem pessoal realizada em 2019 à Palestina, ilustram elementos comuns da vida diária qual a juventude palestina está submetida nos territórios ocupados.

O bloqueio ou outras formas de restrição do trânsito incidem dramaticamente no conjunto dessa juventude, que se vê cerceada em suas potencialidades e direitos mais básicos como o acesso à educação, serviços de saúde, comércio, segurança alimentar, moradia, encontros sociais etc. Um destes efeitos deletérios é exposto pelo Palestinian Central Bureau of Statistics - Palestine in Figures (2022, p. 27) na enorme taxa de desemprego na Faixa de Ghaza para maiores de 15 anos, com áreas cujos índices ultrapassam 50% de desempregados.

Segundo esta agência de informações acerca do território palestino, quando observamos o desemprego por faixas etárias, sua maior incidência se dá sobre os jovens de 15-24 anos de idade, nos permitindo observar que a colonização restringe a economia e afeta principalmente a juventude palestina. Para dimensionar essa situação dramática temos que levar em conta que, segundo a Palestinian Central Bureau of Statistics, em matéria de seu sitio eletrônico (2022), "the percentage of the youth (18-29 years) in Palestine was about 22% (1.17 million) of the total population".

Foto 1 - Estrada segregada (trajeto Ramallah a al Khalil), 2019.



Fonte: Própria, 2019.

Foto 2 - Checkpoint fixo em al Khalil, 2019.



Fonte: Própria, 2019.

Foto 3 - Colônia invasora na Cisjordânia, em posição elevada (verticalização).



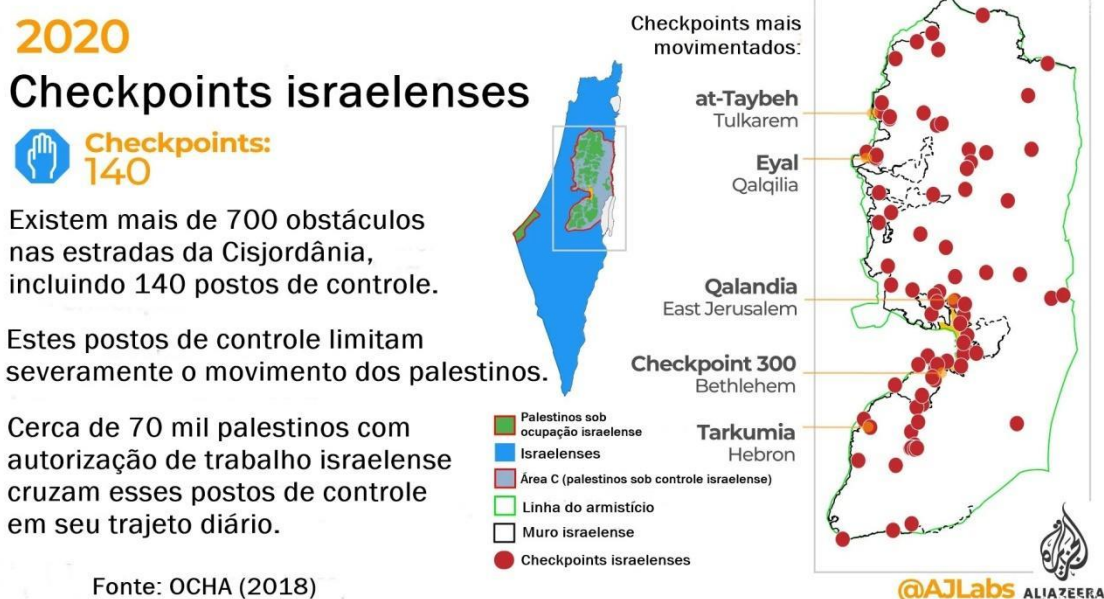
Fonte: Própria, 2019.

O jovem entrevistado al Quds descreve o significado cotidiano da hipersegmentação e hiperfragmentação territorial que marca o cotidiano de jovens em território palestino ao dizer:

(...) nas cidades palestinas para você ir da Cisjordânia para a Faixa de Ghaza ou vice-versa... você precisa passar pelos *checkpoints*. Você fica parado na frente desses *checkpoints* que se chamam portões de pânico. Se você quer ir de Ramallah até Nablus, a distância de carro é uma hora, mas com essas paradas ficam 6 horas.

O mesmo entrevistado adiciona uma crítica ao modelo de colonização israelense: “(...) o que ela fez foi uma política de dividir a terra Palestina. Proibindo qualquer acordo de paz que criasse uma união geográfica e territorial da Cisjordânia, Faixa de Ghaza e al Quds Oriental”. Assim, observamos que a hiperfragmentação aparece, também, como uma forma de limitar o movimento de resistência anticolonial e de impossibilitar uma solução que resulte na divisão em dois Estados. Vejamos na figura a seguir (Figura 03) uma breve espacialização dos Checkpoints em território palestino da Cisjordânia.

Figura 3 – Checkpoints de passagem: postos de controle israelense na Cisjordânia, 2020.



Fonte: Al Jazeera, disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2020/6/26/palestine-and-israel-mapping-an-annexation>. Acesso em 05/10/2023.

Outro elemento fundamental deste tipo de colonização é a desterritorialização da população originária gerando uma reterritorialização precária e, por conseguinte produzindo aglomerados de exclusão (HAESBAERT, 2014). A expulsão dos palestinos possibilita a subsequente anexação e/ou subtração do território do colonizado em favor do colonizador. Na Declaração emitida pela reunião dos membros do Conselho Central Palestino de 9 de maio de 2022 - reunião de emergência, a OLP expressa sua preocupação com a desterritorialização da região de Masafer Yatta (sul da Cisjordânia):

[...] Os membros pediram às autoridades competentes da Organização para a Libertação da Palestina e do Estado da Palestina que acompanhem o crime de assentamento no Tribunal Penal Internacional à luz da implementação contínua pelo governo ocupante de seu projeto de assentamento colonial na Palestina ocupada, o último dos quais foi o novo crime em Masafer Yatta com a deportação de cerca de 4.000 palestinos e a demolição de 12 aldeias e aglomerações, em favor de seu projeto de assentamento, e a intenção das autoridades de ocupação de aprovar a construção de cerca de 4.000 novas unidades coloniais.

Em uma perspectiva histórica, a desterritorialização e a conseguinte reterritorialização precária fez surgir 6.287.633 refugiados palestinos apontados pela Palestinian Central Bureau of Statistics (2021, p. 11.). A ONU/UNRWA registra em seu UNRWA in Action (2023) como refugiados 5,9 milhões, destes a agência descreve “58 recognized Palestine refugee camps in Jordan, Lebanon, the Syrian Arab Republic, the Ghaza Strip and the West Bank, including East Jerusalem”¹¹.

O jovem entrevistado Yaffa faz questão de lembrar essa distinção entre “os palestinos na Palestina e na diáspora”, sendo essa uma construção do projeto colonizador judeu-sionista. Compreendemos que essa distinção também é resultado de hiperfragmentação e hipersegmentação com desterritorialização/ reterritorialização precárias históricas dos palestinos, executada pelo neocolonizador-judeu-sionista. Quando pensamos em Nakba temos que imaginar como sendo uma tentativa de destruição do tecido social palestino e seus territórios de origem (Masalha, 2021).

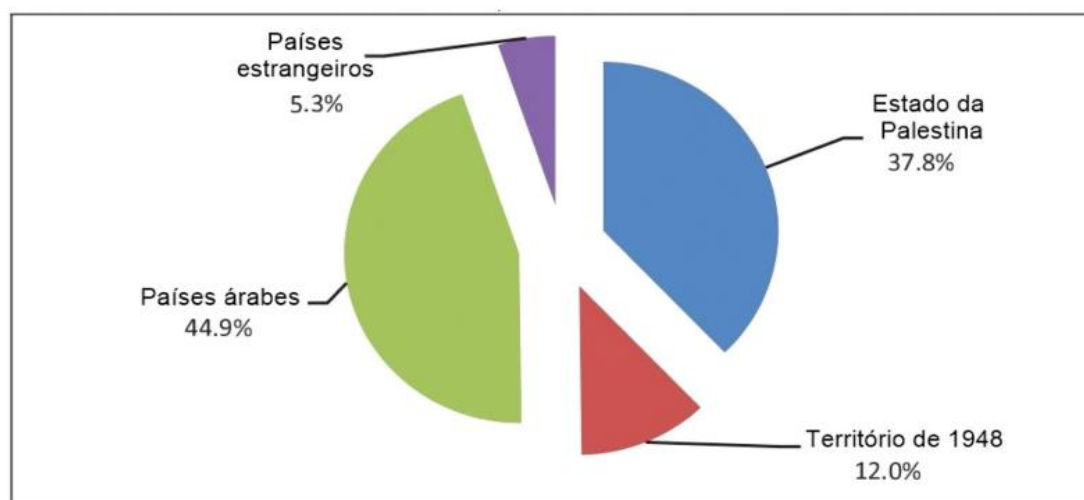
Como produto dessa ação emergem milhares de refugiados que se amontoaram dentro do próprio território histórico da Palestina, uma vez que outros forçadamente tiveram que migrar para os países árabes circunvizinhos em campos de refugiados que existem até hoje (Misleh, 2017). Outros ainda serão vítimas novamente do mesmo processo de 1967, a ponto de ser comum encontrarmos palestinos que foram vítimas de duas desterritorializações violentas e em massas (1948 e 1967) e de reterritorializações em campos de refugiados, cujos locais são distintos (Figura 04).

Compreendemos que a hiperatomização é o mecanismo que visa sempre interromper uma resposta coletiva anticolonialista, isto é, um mecanismo constante contra revolucionário de libertação nacional. Engels (2010, p.68) já havia conceituado a atomização como uma “desagregação da humanidade” em pequenos organismos, “cada qual com um princípio de vida particular e com um objetivo igualmente particular”, isto é, a incapacidade de constituir-se em ser coletivo. Não permitir agrupamentos, organizações, partidos, movimentos etc. do colonizado pela força, sempre foi uma constante do sionismo (Khalidi, 2006). Nesse sentido, lembramos o assassinato de Abu Jihad e Ghassan Kanafani (Khalidi, 2006), lideranças do FATAH e da FPLP respectivamente, como

¹¹ Tradução livre: “58 campos de refugiados palestinos reconhecidos na Jordânia, Líbano, República Árabe da Síria, Faixa de Ghaza e Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental.”

exemplos mais conhecidos, mas não os únicos assassinatos sistemáticos de lideranças políticas palestinas.

Figura 4 – Percentual da distribuição da população palestina no mundo, 2021.



Fonte: Palestinian Central Bureau of Statistics, 2022 - Palestine in Figures (2021, p. 11).

Observamos que a prisão em massa é outro mecanismo que o Estado de Israel usa ante ao direito internacional, impondo ao povo palestino tribunais militares, ausência de direito de ampla defesa e leis marciais. Tenório (2019) ressalta a produção de “prisões administrativas”, em que o acusado é preso não possuindo acesso à defesa e tampouco aos autos legais do processo que responde.

Tenório (2019, p.174) lembra que, “uma ordem de detenção administrativa pode ser renovada por tempo ilimitado”, ou seja, trata-se simplesmente de um sequestro e tortura sem paralelo no mundo. Segundo a ADDAMEER-Prisoner Support and Human Rights Association (2023) os dados já apontavam a existência em 2023 de 1.264 prisioneiros em “prisão administrativa”. Os julgamentos em cortes militares têm altíssima taxa de condenações aos palestinos, segundo a ONG - B’TSELEM, em seu documento Presumed Guilty: Remand in Custody by Military Courts in the West Bank (2015, p.7). Neste documento, observamos que as taxas de condenações de palestinos em tribunais militares israelenses chegam a 99.9% de condenação.

Observamos em registros documentais que a luta dos presos políticos palestinos é um tema historicamente caro à OLP. O Conselho Central Palestino na sua vigésima sétima sessão ordinária dos dias 4 e 5 de março de 2015, em Ramallah, faz como de prática referência a essa luta:

(...) o Conselho Central saúda a luta dos prisioneiros e apela ao seu apoio: O Conselho Central saúda a luta dos presos, pede seu apoio em sua luta diária diante da repressão e das contínuas restrições contra eles nas prisões e centros de detenção, pede uma manifestação em torno de sua causa e seus passos de luta e trabalho para libertá-los.

Outra característica marcante no atual cenário da Questão Palestina é o emprego de tecnologias modernas, o que é bastante conhecido e amplamente divulgado pela Anistia Internacional através de seu relatório “AUTOMATED APARTHEID” (2023). A referida instituição já vem alertando para o uso de tecnologia de reconhecimento facial (RED WOLF) e inteligência artificial como ferramentas de controle populacional do Apartheid israelense sobre o povo palestino. Vários intelectuais e organizações assumem que essa política colonizadora é um tipo de Apartheid dada à segregação sócio-cultural-étnica-religiosa-espacial por ela produzida e reproduzida no cotidiano dos palestinos (ARBEX JUNIOR, 1997, 2002; MASALHA, 2000; AMIN, 2020; LOSURDO, 2020; ANISTIA INTERNACIONAL, 2022).

Somam-se as torturas, incursões militares de alta e baixa intensidade, destruição de casas, punições coletivas e outras formas de coerção violenta e mesmo asfixia econômica como métodos de hiperatomização. O entrevistado Tulkarm (Entrevista, 05/08/2020) explica como asfixia econômica é uma forma de hiperatomizar o povo palestino:

(...) as principais dificuldades que a juventude palestina tem nesse momento são de ordem econômica que afetam a resistência. (...) a vida para os jovens ficou muito cara, não têm empregos, não têm dinheiro para os jovens. Isso faz com que os jovens tenham uma preocupação em relação a sua vida financeira e cotidiana e não a sua luta de resistência política.

Em resumo, temos uma forma de construção da espacialidade colonial judaico-sionista marcada pelo bloqueio/ restrição da população civil palestina, em segmentos e compartimentos territoriais intensamente vigiados militarmente. Compreendemos que a lógica colonial de dividir para conquistar também se apresenta como dividir para dominar, pois a descontinuidade territorial visa dificultar a construção de um movimento de resistência e libertação palestino unificado.

Conforme Haesbaert (2006, p. 315), territórios disputados podem levar a processos de desterritorialização em seu sentido “mais estrito”, ou seja, a desterritorialização como exclusão, privação e/ou precarização do “território enquanto “recurso” ou apropriação (material e simbólico) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade”. No fundo trata-se de uma produção de “aglomerados de exclusão”, marcados por “situações de profunda insegurança e imprevisibilidade” (Haesbaert, 2014, p.189), o que engloba regimes similares ao encarceramento aberto, semiaberto e fechado.

Quando se acrescenta a esse conjunto a hiperatomização da população palestina, temos um laboratório social de segregação, domínio, extermínio, controle e limpeza étnica de uma população. Experiência esta possível de ser replicada parcialmente ou com adaptações a outras espacialidades no mundo, assim como comercializada sob o manto do discurso da “(in)segurança” (Haesbaert, 2014).

Nesse sentido, compreendemos que um povo desterritorializado pela violência de seu espaço milenar perde muito de si mesmo. Não existe outro lugar similar a al Quds para árabes palestinos, sejam islâmicos

ou cristãos, não se pode produzir o significado religioso e cultural daquele lugar em outro e assim o é para vários lugares na Palestina. Seu status de waqf¹² não é à toa na cultura árabe islâmica, nesse sentido ela é única/ singular / ímpar em sua significância religiosa e geo-histórica.

A juventude, como categoria social, transpassada pela dimensão política militante se mostrou bastante atingida por esta hipersegregação espacial e cenário de muitas violências. Ao mesmo tempo suas vozes ecoam um profundo engajamento e atuação politizada no que tange aos desafios da luta de libertação socioterritorial do seu povo. Observamos que estes jovens militantes trazem consigo o legado de um passado de luta, a qual lhe serve de riqueza de táticas, formas, maneiras de construção de movimentos, tipos de organizações distintas etc., mas também de uma autoestima positiva.

Em uma luta política extremamente marcada pela aspereza da luta anticolonial, como é o caso na Palestina, o elemento subjetivo do orgulho de si e de uma autoimagem positiva é fundamental para a produção e reprodução da luta. Evidenciamos ao longo deste processo de investigação que os jovens palestinos militantes, sujeitos desta pesquisa, não só se orgulham da história milenar de seu povo, da sua rica cultura, material e imaterial, como também têm orgulho de saber que seus ancestrais lutaram contra a invasão judaica sionista europeia legando uma pedagogia. Ao mesmo tempo, vivenciam as contradições ao disputar espaço em que suas ideias sejam consideradas credíveis. A Questão Palestina da atualidade, nesse sentido, continua pulsante. E a juventude precisa ser compreendida como sujeito estratégico dos/nos territórios em luta pela libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, um recorte de nossa pesquisa, buscamos destacar o quanto a espacialidade colonial-tardia-judaico-sionista imposta pelo Estado de Israel tem impactado a vida jovem em território palestino. Neste território, vidas jovens são ceifadas por um projeto de dominação. Nesse sentido, buscamos demonstrar, a partir de vozes de jovens militantes palestinos, que há uma juventude ativa e reativa aos rumos do processo geral de luta de resistência e libertação da Palestina na atualidade.

Podemos afirmar que, para a Ciência Geográfica não há como um ser humano estar completamente destituído territorialmente. Nossa compreensão é que todo o ser humano está inserido no espaço e todo o espaço humano possui múltiplas dimensões, escalas e relações de poder. A questão que levantamos neste artigo, portanto, não é a de um jovem ou um povo completamente sem espaço. Até mesmo o território mínimo imaginável do nosso próprio corpo é espacialização da vida (HAESBAERT, 2021). Mas buscamos destacar alguns retratos que nosso processo de investigação nos permitiu observar, sobre o tipo de desreterritorização

¹² Conceito islâmico usado para determinar que algo é sagrado, nesse caso, espaço que pertence a todas as religiões monoteístas e não só ao Islã.

a que a população palestina está submetida, em particular, sua juventude.

Nosso intuito é, também, provocar a realização de novas pesquisas e estudos sobre aqueles territorialmente precarizados em campos de refugiados, internos ao antigo território da Palestina ou externos a esse em países árabes circunvizinhos. Investigações com foco sobre aqueles que buscam sobreviver em condições provisórias de tendas da ONU, quando suas casas são destruídas por bombardeios, implosões ou por tratores do exército israelense. Que se situam em condições extremas de incertezas e fragilidades como os palestinos refugiados, no Iraque e na Síria, sob desmantelamento de seus antigos campos de refugiados pelas “guerras” impostas a esses países.

É preciso discutir com profundidade a situação daqueles inseridos em territórios confinados como os imensos guetos que se formam na Cisjordânia, pelas interligações entre colônias de assalto formando estruturas compartimentadas similares a pequenos bantustões do apartheid sul-africano, muros, cercas que isolam vilarejos, portões de acessos às estradas desses vilarejos e muros que impedem a passagem, como na Faixa de Ghaza. Há quem esteja, neste momento, vivenciando a experiência da exclusão territorial completa de áreas ditas de “segurança militar” que impedem a mobilidade das populações nômades árabes e da expressão cultural milenar desse povo, como exemplo do que acontece no deserto de al Naqab ou na perspectiva de superação positiva dessas condições.

Esse texto buscou ressaltar que, para o colonizador: hiperfragmentar e atomizar é conquistar e dominar territórios. Superar diferenças internas em torno da práxis de luta é um exercício muito mais penoso e cabe ao movimento de resistência e libertação fazê-lo. Observamos que a juventude palestina vive inserida em diferentes contextos concretos devido aos compartimentos do projeto neocolonizador gerador de hipersegmentação espacial, desterritorialização e re-territorização precária, pelas diásporas.

Ressaltamos que o diálogo com jovens militantes de universidades palestinas nos mostrou um elevado nível de politização do movimento estudantil palestino, com clara inserção em organizações partidárias e de luta de libertação. Esta juventude militante nos parece cumprir uma dinâmica de revitalização das organizações políticas palestinas e age ativamente, exercendo uma tensão para que seu espaço dentro dessas organizações seja cada vez mais significativo e deliberativo. Isso foi exposto pelos entrevistados e a literatura complementar nos indica a mesma direção.

Vemos que ela se mostra crítica tanto ao neocolonizador tardio judaico-sionista e o seus produtos – violências, ocupações e segregações do tipo apartheid, quanto ao próprio movimento em que se insere. Há questionamentos sobre a criação de dois Estados, proposição da AP, como solução para a Questão Palestina. Assim, observamos que a juventude não é passiva da/na construção e reconstrução socioterritorial da Palestina, isto é, não apenas se molda e se adapta ao mundo dado. Observamos, a partir dos relatos de jovens militantes do movimento estudantil entrevistados, que eles se inserem, agem e tensionam, são críticos de

seus próprios passos em uma perspectiva de melhora de sua própria práxis. Por uma Palestina que em que se possa viver plenamente a juventude e todas outras fases da vida.

REFERÊNCIAS

ADDAMEER - Prisoner Support and Human Rights Association. **Statistics, 19-09-2023**. Disponível em: <https://www.addameer.org/statistics>. Acesso em: 02 out. 2023.

AMIN, Samir. **Somente os povos fazem sua própria história: ensaios políticos**. São Paulo: Expressão popular, 2020.

AMIN, Samir. **The reawakening of the Arab world: challenge and change in the aftermath of the Arab Spring**. 1ª ed. New York: NYU Press, 2016.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Automated Apartheid**. London, 2023. Disponível em <https://www.amnesty.org/en/documents/mde15/6701/2023/en/> Acesso em 15/08/2023.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Israel's Apartheid Against Palestinians: Cruel System of Domination and Crime Against Humanity**. 1ª ed. London, 2022. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/mde15/5141/2022/en/>. Acesso em: 02 jul. 2023

ARBEX JUNIOR, José. **Guerra Fria: Terror de Estado, política e cultura**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

ARBEX JUNIOR, José. **Terror e esperança na Palestina**. 1ª ed. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

B'TSELEM - The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories. **Presumed Guilty: Remand in Custody by Military Courts in the West Bank - 2015**. Disponível em https://www.btselem.org/download/201506_presumed_guilty_eng.pdf. Acesso em: 14 ago. 2023.

B'TSELEM - The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories. **Conquer And Divide - 2023**. Disponível em <https://conquer-and-divide.btselem.org/map-en.html>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BUZETTO, Marcelo. **A questão palestina: guerra, política e relações internacionais**. 1ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CHRISTOPHERSEN, Mona; HØIGILT, Jacob; TILTNES, Åge. **Palestinian youth and the Arab Spring**. Oslo: Fafo/NOREF - 2012. Disponível em <http://www.peacebuilding.no/eng/Regions/Middle-East-and-North-Africa/Israel-Palestine/Publications/Palestinian-youthand-the-Arab-Spring>. Acesso em 05/05/2023.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. 1ª ed. Boitempo Editorial, 2010.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1ª ed. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FAYAD, Yasser (org.). **Ghassan Kanafani - anticolonialismo e alternativa socialista na Palestina**. 1ª ed. Florianópolis: Fedayin, 2022.

FERRARI, Maristela. As noções de fronteira em Geografia. **Revista Perspectiva Geográfica**, v. 9, n. 10, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de (s) colonial na “América Latina”**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/territorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

JARADAT, Ahmad. **Hebron - a cidade impossível**. 1ª ed. Florianópolis: Fedayin, 2021.

KAZZIHA, Walid. **Revolutionary transformation in the Arab world: Habash and his comrades from nationalism to Marxism**. New York: St. Martin's press, 1975.

KHALIDI, Rashid. **Sowing Crisis: The Cold War and American Dominance in the Middle East**. Beacon Press, 2009.

KHALIDI, Rashid. **The hundred years' war on Palestine: A history of settler colonialism and resistance, 1917-2017**. 1ª ed. New York: Metropolitan Books, 2020.

KHALIDI, Rashid. **The Iron Cage: The Story of the Palestinian Struggle for Statehood**. 1ª ed. Oxford: Oneworld Publication, 2006.

LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

MASALHA, Nur. **Expulsão dos palestinos - conceito de transferência no pensamento político sionista 1882-1948**. 1ª ed. São Paulo: Sundermann, 2021.

MASALHA, Nur. **Imperial Israel and the Palestinians: the politics of expansion**. 1ª ed. London: Pluto Press, 2000.

MASALHA, Nur. **Palestina: quatro mil anos de História**. 1ª ed. São Paulo: Monitor do Oriente, 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCCARTHY, Justin. **The population of Palestine: population history and statistics of the late Ottoman period and the Mandate**. 1ª ed. Columbia University Press, 1990.

MISLEH, Soraya. **Al Nakba: um estudo sobre a catástrofe palestina**. 1ª ed. São Paulo: Sandeman, 2017.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. 2016. **Análise textual: discursiva**. 3ª ed. Ijuí: Unijuí, 2016.

PALESTINIAN CENTER FOR POLICY AND SURVEY RESEARCH. **Public Opinion Poll No (88) – june 2023**. Disponível em <https://pcpsr.org/sites/default/files/Poll%2088%20English%20full%20text%20June%202023.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2023.

PALESTINIAN CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. **Demonstrating the situation of youth in the Palestinian society, on the Eve of the International Youth Day. 12/08/2022**. Ramallah - Palestine. Disponível em: <https://www.pcbs.gov.ps/site/512/default.aspx?lang=en&ItemID=4296>. Acesso em: 25 out. 2024.

PALESTINIAN CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. **Palestine in Figures 2021**. Ramallah - Palestine. Disponível em: <https://pcbs.gov.ps/Downloads/book2604.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2023.

PALESTINIAN CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. **Palestine in Figures 2022**. Ramallah - Palestine. Disponível em: <https://pcbs.gov.ps/Downloads/book2654.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PALESTINIAN CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. **Palestinians at the End of 2020**. Ramallah - Palestine. Disponível em: <http://www.pcbs.gov.ps/Downloads/book2546.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2021.

SHARIF, Bassam Abu. **Arafat and the dream of Palestine: an insider's account**. 1ª ed. New York: St. Martin's Press, 2009.

TENÓRIO, Sayid Marcos. **Do mito da terra prometida à terra da resistência**. 1ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2019.

UNITED NATIONS RELIEF AND WORKS AGENCY FOR PALESTINE REFUGEES (UNRWA). **Unrwa In Action - 2023**. Disponível em https://www.unrwa.org/sites/default/files/2023_unrwa_in_action.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *In. Revista Sociedade e Estado*. Volume 25. Número 2. Maio/Agosto, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/pYGppjZyvTjJH9P89rMKHMv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2025.

Contato dos autores:

autor: Yasser Jamil Fayad
e-mail: fayad.yasser@gmail.com

autor: Willian Simões
e-mail: willian.simoess@uffs.edu.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 13/08/2025